

Sumário

Artigos

9 A esquerda no poder na América Latina: três correntes e um dilema

Jesús Tovar Mendoza

O início do século XXI registra a chegada ao poder em vários países da América Latina de correntes políticas de esquerda. Critérios de diferenciação entre elas permitem sua classificação em três grupos: comunista, populista e moderna. Uma análise histórica desde a metade do século XX revela uma radicalização da esquerda populista e uma moderação da ex-esquerda marxista (agora esquerda moderna). É possível ainda subclassificar a esquerda populista em dois modelos: um com tradição partidária consolidada (Argentina e México) e outra liderada por atores políticos mais recentes (“outsiders”) e sem maiores vínculos com partidos tradicionais (Venezuela, Bolívia e Equador). Ambas enfrentam o dilema de continuar com o regime democrático tradicional ou estabelecer um novo.

19 Relações Brasil/Argentina

Félicz Peña

A agenda das relações entre Brasil e Argentina enfrenta diversos desafios em relação ao futuro. Um dos principais diz respeito à governabilidade do espaço geográfico regional sul-americano. A qualidade e a solidez das relações entre os dois países e sua capacidade de articular visões e políticas comuns constituem condição necessária para assegurar o predomínio da paz, da democracia e da estabilidade política no subcontinente. A qualidade dessa relação depende basicamente de três planos: a construção de um Mercosul eficaz e com credibilidade, a sua articulação com o desenvolvimento de um espaço geográfico regional sul-americano em que prevaleça a lógica da integração e a inserção eficaz dos países e da região na competição global pelo poder, pelo mercado, pelos investimentos e pelos recursos naturais.

33 Recomendações da política americana para a América Latina

Abraham Lowenthal

O aumento do número de eleitores descendentes de latino-americanos e caribenhos nos EUA faz com que também cresça o volume de declarações dos candidatos à Presidência do país com relação a essas partes do continente americano. Vários dos aspirantes à Casa Branca em 2008 denunciaram o pouco caso com que a América Latina vem sendo recentemente tratada pela administração federal Americana. Dez sugestões para o próximo presidente e para os novos membros do Congresso americano

podem contribuir para aperfeiçoar essas relações. Entre elas, resistir à tentação de dedicar muito mais atenção ao subcontinente, já que as prioridades dos EUA continuarão sendo outras áreas do mundo. Em vez de prometer o que não poderá ser cumprido, é preferível melhorar a qualidade de atenção limitada que os Estados Unidos podem dar a esta área. Por exemplo: entender as novas realidades da região, evitar classificações políticas maniqueístas e conceber políticas diferenciadas para nações diferentes.

41 Internacionalização das empresas brasileiras

Sergio Amaral

A década inicial do século XXI marca a terceira fase da internacionalização da economia brasileira. A primeira, no final da década de 1980, foi a liberalização do comércio internacional. A segunda, em meados dos anos 1990, foi a abertura da economia aos investimentos externos. Agora, em ritmo acelerado, a internacionalização das empresas brasileiras. Ela é em geral positiva, muitas vezes desejável, outras inexorável. É um caminho importante para o avanço tecnológico, para a competitividade e para a agregação de valor. Em curto prazo, a internacionalização da empresa pode deixar de criar empregos no Brasil. Em médio prazo, no entanto, ela tende a criar novos postos de trabalho no país e com salários mais altos.

51 De Bali a Copenhague: o futuro regime internacional sobre mudança de clima

Rubens Ricupero

A conferência sobre mudança climática realizada em Bali teve um desfecho melhor do que o antecipado. Agora há pelo menos um mapa de caminho, uma agenda e uma data de conclusão. Mas o que vem pela frente não será fácil. Concordar sobre a lei da mais elevada hierarquia para regular a vida internacional em setor vital não é tarefa corriqueira nem acontecimento de todos os dias. Será preciso escolher entre a manutenção das condições propícias à civilização humana ou a acentuação do precipício que conduzirá à sua extinção por nossas próprias mãos. Será indispensável que nações poderosas – como EUA e China, antes de quaisquer outras – aceitem sacrifícios que importarão em redução do poder econômico e da voracidade com que devoram parcelas desproporcionais dos recursos terrestres e da atmosfera.

65 Um tratado para outra Europa

Francisco Seixas da Costa

O Tratado de Lisboa, assinado em 13 de dezembro de 2007, é o prelúdio de um período de pacificação institucional para a União Européia, após o fracasso do Tratado Constitucional, que havia feito pairar um ambiente de crise sobre o processo integrador do continente. Mas ainda há muitas questões que precisarão ser resolvidas até o Tratado de Lisboa ser ratificado pelos 27 atuais membros da União Européia. O complexo institucional criado em Lisboa tem sido visto por muitos como um potencial criador de conflito entre o presidente do Conselho Europeu e o presidente da Comissão Européia em detrimento da Comissão. Só o tempo dirá se a Comissão Européia será ou não enfraquecida institucionalmente pelo modelo concebido no Tratado de Lisboa, que por enquanto – no mínimo – cumpre o papel histórico relevante de fazer a Europa readquirir alguma confiança nova em si mesma.

- 75 Da cidade à nação?
a democracia participativa e
a esquerda latino-americana**
Benjamim Goldfrank

A criação de diversos mecanismos de participação popular foi uma das inovações que os partidos de esquerda e centro-esquerda trouxeram à gestão de diversas cidades da América Latina ao chegarem ao poder municipal em vários países da região nas décadas de 1980 e 1990. No entanto, quando passaram a controlar a administração federal, alguns desses partidos abriram mão dos mecanismos que haviam adotado no nível municipal e aparentam ter descartado o objetivo de construir uma democracia profunda. Parece ser este o caso do PT no Brasil, da Frente Ampla no Uruguai e do chavismo na Venezuela. É óbvio que transferir instituições de democracia participativa do nível local para o nacional é um desafio difícil. Mas chama a atenção que esses partidos tenham abandonado a perspectiva de aprofundar a democracia por meio da participação popular em favor de iniciativas do tipo corporativista.

- 85 Globalização, negócios
imobiliários e
transformação urbana**
Carlos A. de Mattos

O aumento da importância dos negócios imobiliários no desenvolvimento urbano é um fenômeno mundial. Ele também tem sido observado em diversas cidades da América Latina. Três fatores têm impulsionado esse processo: a velocidade crescente com que se movem enormes massas de capital ao redor do mundo, a fragilização do poder do Estado na gestão urbana e a competição entre cidades que buscam atrair investimentos. O resultado tem sido a construção de grandes complexos comerciais, modernos edifícios de escritórios e conjuntos residenciais luxuosos que, por um lado realmente contribuem para o crescimento da cidade, por outro também aprofunda a fragmentação e as desigualdades territoriais. Corre-se o risco de deixar a sorte das cidades quase totalmente nas mãos dos especuladores imobiliários e do capital financeiro.

Passagens

- 97 Mário Gibson Barbosa (1918-2007)**
Alberto da Costa e Silva

O embaixador Mário Gibson Barboza teve participação decisiva em algumas das mais importantes decisões da história recente do país, como a construção da hidrelétrica de Itaipu, a extensão dos limites marítimos para 200 milhas e a restauração da África como a verdadeira fronteira leste do Brasil. Foi um negociador hábil e convincente. Impunha-se porque, evitando a negativa, calava o que não podia dizer e jamais prometia o que não estava em condições de cumprir.

Documentos

- 99 Quem governa o mundo?**
Fundação Bertelsmann

- 127 Comentários**
Boris Fausto
Carlos Eduardo Lins da Silva
Celso Lafer
Maria Hermínia Tavares de Almeida

Pela segunda vez desde 2005, a Fundação Bertelsmann promove pesquisa de opinião pública sobre como os cidadãos da Alemanha, Brasil, China, Estados Unidos, França, Índia, Japão, Reino Unido e Rússia percebem a influência relativa dos países e das instituições internacionais no processo de tomada de decisões mundiais. As duas pesquisas realizadas no período demonstram que continuam a predominar abordagens nacionais em vez

da idéia de uma “comunidade global”. A maioria das pessoas em todas as nações participantes vê o poder econômico, a estabilidade política e a existência de um forte setor de ciência e tecnologia como fatores preponderantes para indicar o *status* de poder mundial de um país. Os EUA continuam sendo encarados como a principal potência global, seguido à distância pela China. Mas nos próximos 15 anos, acredita-se que os Estados Unidos poderão perder esse papel indiscutível de única grande potência.

Livros

- 135** **Novas migrações latino-americanas para a Europa: balanços e desafios**
Isabel Yépes del Castillo
Gioconda Herrera (eds.)
Almudena Cortés Maisonave
- 145** **A política externa americana depois de Bush**
Foreign Affairs
Geraldo Forbes
- 151** **Trajetórias: capitalismo neoliberal e reformas econômicas nos países da periferia**
Sebastião Velasco e Cruz
Ricardo Sennes
- 155** **A raiz das coisas.**
Rui Barbosa: o Brasil no mundo
Carlos Henrique Cardim
Eiiti Sato
- 161** **Cronologia das relações internacionais do Brasil**
Eugênio Vargas Garcia
Clodoaldo Bueno